

No que podemos acreditar

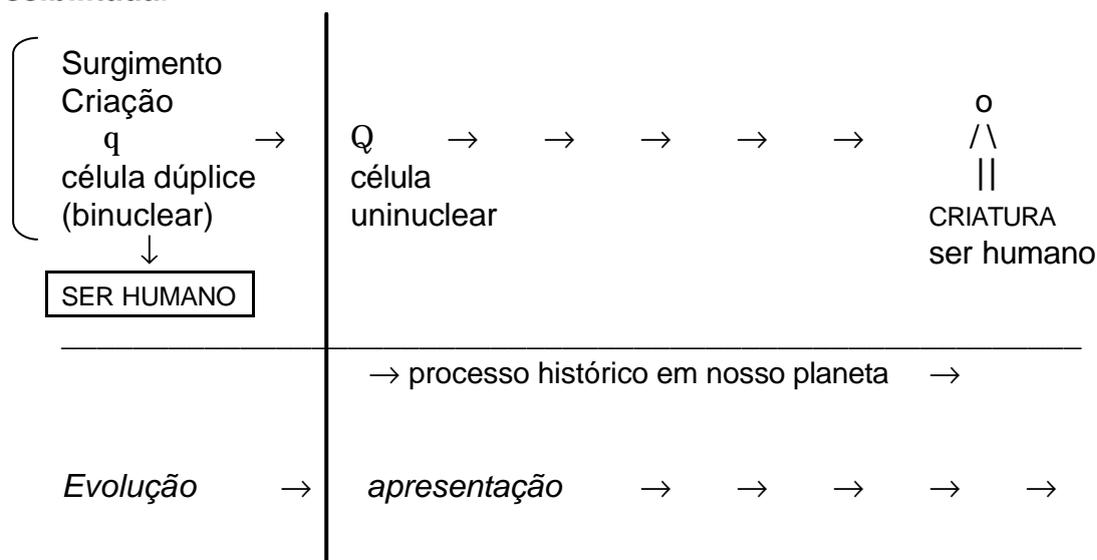
O SER HUMANO está no princípio de tudo

Já compreendemos que o instante do Surgimento é o momento da apresentação do Criador e que, a partir desse instante inicial, a Criação foi possibilitada para que tudo o que foi feito naquele Momento pudesse germinar.

Naquele instante primordial, a Massa Inicial estava toda contida numa CÉLULA FUNDAMENTAL. Essa célula é a primeira formação possível e identifica a UNIDADE da Criação. Como fundamento de tudo, essa CÉLULA contém os componentes essenciais à sua expansão. Assim, sendo ímpar, ela é ao mesmo tempo plural e dúplice, pois carrega em si mesma a condição de toda realização. Atuando na CÉLULA, o **movimento** possibilitou a auto-informação. Os componentes essenciais realizaram uma mútua fecundação provocando o desdobramento e a conseqüente multiplicação para que a expansão se desse.

Esse movimento na Célula Inicial é do nível da Evolução, ou seja, antes que qualquer apresentação fosse possibilitada. Assim, o movimento inicial da Célula não pode ser encontrado no mundo físico, como encontramos as evidências de seres pré-históricos, através de pesquisas. A Célula Inicial e seu movimento pertencem a um nível que está para além do mundo físico, isto é, pertencem a um plano transcendental. Quando falamos em Criação, em "Massa Inicial" ou em "Célula Fundamental", estamos nos esforçando para compreender o mistério do surgimento, o nível primeiro do Criador, os milésimos de segundos primordiais, onde só Ele estava e, portanto, onde ainda não havia qualquer criado.

Após o Surgimento, no desdobramento da Célula, o Criador cria a possibilidade fundamental: o SER HUMANO. É isso: **o SER HUMANO é a primeira e única criatura da Evolução, antes que qualquer apresentação material fosse possibilitada.**



Na figura, podemos observar que a apresentação de todos os possíveis se dá a partir de uma célula uninuclear — momento posterior à evolução, quando se inicia o aparecimento daquilo que foi criado. Tudo o que há no universo provém dessa célula matriz. E em nosso planeta, as apresentações da Criação vão se mostrando desde a constituição do planeta, passando por todas as apresentações dos seres conhecidos, até chegar ao ponto ômega com o aparecimento da *criatura ser humano*.¹

Na ancestralidade da *criatura ser humano*, portanto, devemos considerar desde o instante da Criação do Todo à primeira possibilidade de apresentação em nosso planeta (a célula uninuclear), e desta seguindo a trajetória da apresentação progressiva de todos os seres até o aparecimento do ser humano — há 2 milhões e 500 mil anos, conforme identificam os estudiosos.



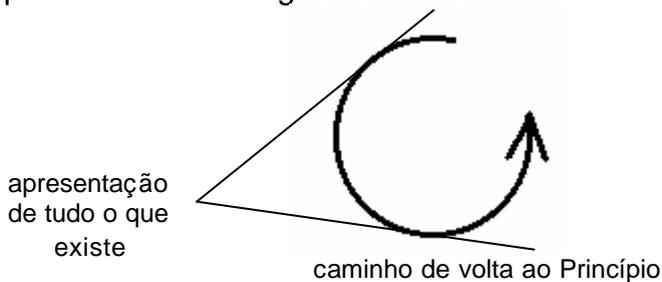
© Copyright Almanaque Abril – Gráfico do verbete Big Bang

No tempo da *Evolução*, no instante da Criação, o SER HUMANO é o primeiro criado. No nível da *apresentação*, a CRIATURA SER HUMANO é a última a aparecer na escala dos seres vivos. A passagem do Tempo da Evolução (dimensão do fundamento) para o *tempo de apresentação* (dimensão do planeta) se dá por mutação. A CÉLULA FUNDAMENTAL desdobra-se criando o SER HUMANO e permitindo o aparecimento da célula uninuclear como possibilidade mais *elementar* na origem de todos os criados (e, conseqüentemente, na origem da criatura ser humano). A célula uninuclear, identificando-se como a primeira possibilidade da *apresentação*, está, desse momento em diante, separada da origem. Mas essa célula é parte do Todo. O que é "um" não pode se separar. E a célula uninuclear precisa voltar à célula original, dúplice.

¹ Lembra de passagem da bíblia judaico-cristã que nos informa que o “o ser humano foi criado à imagem e à semelhança de Deus”? Aqui, podemos compreender o que isso significa. Deus não tem forma humana, nem de qualquer criatura de Sua criação. O “ser humano foi criado à imagem e à semelhança de Deus” significa que o SER HUMANO é a Sua primeira (e a única) Criação. O SER HUMANO é o contraponto do Criador. O Criador se apresenta no instante do Surgimento, apresentando o SER HUMANO. Veja que não estamos falando do ser humano “eu” ou “você”. Nos referimos ao ser humano, enquanto princípio e fundamento, Unidade que vai atravessar um percurso até sua apresentação como “criatura ser humano”: “eu”, “você”, “ele”, “nós”.

O movimento de apresentação ? quando tudo aparece no planeta ? , portanto, é o movimento da célula no sentido de retornar ao Todo. Assim, tem início o processo de *apresentação*, onde tudo o que já está criado (no instante inicial) começa a aparecer. A trajetória de apresentação da célula, então, segue numa única direção: a PROCURA da sua gênese. **O caminho adiante, na apresentação de todos os seres, é, na verdade, o caminho de volta ao Princípio, busca da origem, reencontro da célula uninuclear com o que está no fundamento, para a reconstituição do Um.**

Aparecendo como a menor unidade de apresentação do mistério e comportando uma infinita simplicidade geradora, a célula inicia a apresentação gradativa de todas as criaturas — desde o organismo vivo mais simples, passando por criaturas mais complexas, até o aparecimento da criatura ser humano. Seguindo rumo ao Princípio, a célula é capaz de reproduzir-se incessantemente na trajetória de apresentação gradativa de tudo, em *expansão* — para retornar ao dúplice na busca do fundamento SER HUMANO. Nessa trajetória, a célula mutante *coopera* com o movimento do Todo, mostrando todo segredo que contém. Ela contém toda possibilidade de apresentação em apenas uma célula primeira. E cada criado, como parte do todo, é uma possibilidade do segredo dessa célula.



De mutação em mutação, a célula vai apresentando (em espaço e tempo) as infinitas possibilidades, fazendo com que tudo o que existe no planeta seja fruto da transmutação da Célula primordial. O ser humano, historicamente considerado, está nesse processo e é fruto de uma célula que procura a integração original.

Procedendo à própria reprodução, a célula garante todas as transformações dos bilênios: desde os protozoários, passando pela constituição de toda a escala vegetal e animal, até a apresentação da *criatura ser humano* e sua trajetória até os dias de hoje.

Todos os seres provêm do SER HUMANO como Célula original, e, portanto, todos são células transmudadas do SER HUMANO. Assim, ao mesmo tempo em que a criatura ser humano possui todos os seres em si, mostrando as características pretéritas das apresentações (o ser humano tem características que indicam seus ancestrais biológicos, como é o caso, por exemplo, da presença do cóccix, que em algumas pessoas se mostra alongado, semelhante a uma cauda), em todos os outros seres existe algo que se identifica como possibilidade constitutiva do ser humano (os estudos sobre os genomas e a genômica comparada irão evidenciar alguns desses aspectos).

Unicidade da criatura ser humano

Entendendo que o SER HUMANO é o primeiro e o único ser criado após o Surgimento, é necessário distinguir o SER HUMANO da Criação e o *ser humano* da apresentação, integrando-os. O SER HUMANO da Criação é o único criado no fundamento. O *ser humano* da apresentação é fruto de um processo de apresentações sucessivas, cada vez mais complexas, e que identifica todas as criaturas **como** semelhantes. É assim que a criatura ser humano deve perceber-se no nível do fundamento: criatura única (junto com as outras criaturas), criação do Criador para a revelação da Criação.

Comparando-se com outras criaturas seres humanos, qualquer diferença que possa ser constatada é apenas do nível do aparente. A atenção às diferenças leva a criatura a confundir-se, afastando-se da unidade. Percebendo o outro como diferente, a criatura percebe a si mesma como diferente e se desloca. **Toda criatura é idêntica como criação primeira e única do Criador.** Assim, por exemplo, não existe macho ou fêmea, pois no início só há UM. Macho e fêmea são conceitos de uma categoria que se mostra como criação da própria criatura ser humano e só surge no momento histórico do aparecimento da consciência. A consciência — presença do Criador na criatura para o discernimento e a compreensão da Criação — passou a ser utilizada pelo ser humano como condição de percepção e discernimento do externo, do aparente. E isso levou o ser humano a equívocos, a muitos equívocos.

O que é percebido na vida animal e constatado pela criatura como macho e fêmea corresponde ao dúplice da Célula inicial. No mundo animal, em geral, a diferença não é relevante e as criaturas não *atuam* como macho e fêmea. É o dúplice que *atua* na exclusiva função da continuidade da vida, cooperando com o movimento do Todo.

Trajatória da criatura ser humano

No caminho para a apresentação do ser humano, toda possibilidade apresentada no planeta tem um tempo próprio para seu aparecimento. A apresentação de cada possibilidade se dá quando o espaço para sua apresentação está possibilitado. É a conjugação entre intervalo de tempo e geração de espaço que constitui a temporalidade necessária para a apresentação de cada ser.

PERÍODOS DE APRESENTAÇÃO DE CRIATURAS					
formação da Terra	células sem núcleo (bactérias) células com núcleo	caranguejos, peixes, plantas de terra, répteis	dinossauros, pássaros, primatas	mamíferos, carnívoros	ser humano
5 bilhões	3 bilhões e 500 milhões	570 milhões a 395 milhões	225 milhões a 136 milhões	65 milhões a 12 milhões	2 milhões e 500 mil
de anos atrás					

Resumo a partir de *Microsoft Encarta 97 Encyclopedia*, verbete: "evolution"

A criatura ser humano, cuja primeira possibilidade de mostraçãõ é a célula uninuclear, se mostra como criatura quando o espaço necessário para sua apresentação está possibilitado ^{3/4} exatamente como toda criatura. Isso acontece após a apresentação das possibilidades que organizam o mundo e que, ao mesmo tempo, são mostrações do SER HUMANO como único criado.

Como unidade da Criação, o SER HUMANO é integrante fundamental do mistério. E o mistério se *realiza* na apresentação, no nascimento de cada criatura ser humano. O nascimento é a oportunidade de encontrar o Criador como princípio e definição da própria criatura. O que está no Princípio é a Criação fundamental, junto com o Criador. O Princípio contém o "encontro" do SER HUMANO com o Criador. À criatura ser humano cabe fazer o caminho de volta ao Princípio para o *reconhecimento* do Criador.

Só a criatura ser humano pode *reconhecer* o Criador porque ela corresponde, no nível do nosso planeta, à obra mesma do Criador. Mas a criatura precisava encontrar o Criador para reconhecê-lo. Para isso, ela deparou-se com o planeta já organizado, habitado (minerais, vegetais, animais, fenômenos) e, dessa maneira, poderia perceber todas as criaturas como um *trabalho* da Criação.

Continuando rumo ao Princípio e na trajetória de progressão do ser humano, a apresentação faz aparecer o RACIOCÍNIO à criatura, como condição de estabelecer relações para o reconhecimento do Criador. É assim que a criatura se *espanta* diante do que está apresentado. Na admiração, ela constata a supremacia do Criador. Surpreendendo-se com tudo o que percebe, a criatura irá, então, procurar saber sobre tudo. No nível da percepção possível, ela procura o Criador como ser material, exatamente como todas as possibilidades apresentadas. Mas o Criador não está dessa forma apresentado.

Trajatória para a constatação do Criador

Tendo surgido como apresentação possível no espaço-tempo necessário, a criatura ser humano ficou como um animal comum, numa situação de verdadeiro alheamento. Naquele momento inicial de apresentação, não havia ainda condição de discernimento porque a *célula*, tendo alcançado o ponto de apresentação, precisava continuar a transformação do ser humano para impulsionar a racionalidade — como capacidade de estabelecer relações. Não sendo um animal comum, ele *não sabia* o que fazer. Não sabendo o que *devia* fazer, ele copiava o que via, de acordo com o entorno, como modo possível de *fazer* alguma coisa. O ser humano foi simplesmente fazendo e, enquanto fazia, observava a si mesmo e ao entorno e, *no fazer*, foi se constituindo. Assim, **a criatura ser humano se fez de si mesma, no próprio fazer, despertando a ancestralidade dentro de si e alcançando a consciência ^{3/4} essa mesma Consciência que impulsionou o seu aparecimento.**

No processo de constituição, o ser humano atinge o momento de necessidade de *compreensão* do entorno. Buscar compreender aquilo que percebe é, portanto, não se conformar em constatar o que vê; é superar o que se apresenta como imediato buscando sua significação. Quando busca compreender a realidade, a criatura constatar-se, ao mesmo tempo, como parte dessa realidade.

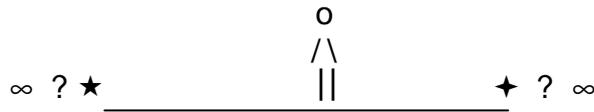
Tendo aprendido a *fazer*, o ser humano percebe tudo como *feito*. À medida que começa a pensar, provocando o desenvolvimento do cérebro, a criatura atinge o reconhecimento de si mesma. Pelo desenvolvimento da inteligência, a criatura inicia a busca pela significação de tudo, ao mesmo tempo em que constata a necessidade de um “criador” que tenha “feito” tudo. Então, perguntar pelo sentido de tudo o que está a sua volta é aceitar um Criador de onde provém o céu e a terra, os homens e os animais, os vegetais e os fenômenos da natureza, a apresentação (aparecimento / nascimento) e o recolhimento (desaparecimento / morte).

Quando aceita que tudo tem um sentido, uma razão de ser, a criatura dá início a uma nova etapa da história da humanidade, alcançando a inteligência. A inteligência desperta a necessidade de explicação entre os elementos constatados: *eu–mundo*; *eu–Criador*; *eu–mundo–Criador*. Na busca da compreensão, quanto mais próximo da verdade, mais a inteligência se constitui, trazendo a necessidade de comunicação e dando origem à fala. **Esse é o movimento explícito que distingue as criaturas humanas das demais criaturas.** Pela comunicação, o ser humano questiona o próximo a respeito do que percebe e sobre *quem* teria criado tudo. Ao mesmo tempo em que vai construindo uma explicação, a criatura vai *dizendo* a explicação, despertando as outras criaturas para a sintonia com o Criador.

O esquecimento da criatura

Apesar de todas as possibilidades estarem designadas pelo Criador como Um, a criatura ser humano, na busca da compreensão, renomeou e construiu diferentes significações para o que estava apresentado, situando tudo no *mundo humano*, como se tudo estivesse a seu dispor. Sem detalharmos, aqui, as culturas e considerando apenas a trajetória histórica, essas significações acabaram por afastar a criatura do processo de apresentação, levando-a ao esquecimento. Desse modo, a criatura mostra sua *compreensão* a respeito da realidade: **não estando pronta para a percepção do fluir rumo ao Princípio, a criatura se coloca como a mais perfeita e principal, numa perspectiva linear.** Ela constata que no nível dos seres vivos, sem condição de elaboração de raciocínio, o que se apresenta depois é o que domina. Agora, em estado de esquecimento, o ser humano se sente dominador, posicionando-se como ser supremo entre animais e vegetais que já encontrou no mundo. Nessa perspectiva, a atuação do ser humano é no sentido de fazer valer a regra (*aparente*) da natureza, promovendo uma interpretação que levou a humanidade a uma série de mal-entendidos. Sem considerar o antes, o ser

humano desconhece o depois. Sem saber de onde veio, ele não sabe para onde está indo.



À exceção de algumas criaturas em determinadas culturas, os seres humanos acabaram priorizando o *seu* tempo de vida no planeta, desconsiderando o que seria antes de seu nascimento e depois de sua morte, tratando esses períodos numa perspectiva especulativa totalmente desvinculada do vivido. O vivido só tem sentido quando fundamentado na ancestralidade, pois o equilíbrio para o ser humano viver é revelado na vida ancestral, lugar do encontro com o Criador. Não pode haver ruptura entre o nível do vivido da criatura (temporalidade) e o nível de realização do Todo. Um é parte integrante do outro. É necessário que se perceba a integração entre animais (incluindo aí o ser humano), vegetais, minerais e toda a estrutura do planeta que dá suporte a todos os seres. Considerando que tudo se processou para a mostraçã da criatura ser humano, cada um dos possíveis nesse processo (vegetais e os outros animais) é essencial para essa mostraçã, pois cada um é parte do Todo. A extinçã ou a degradaçã de qualquer criatura provoca o desequilíbrio, de modo inexorável. A criatura ser humano, responsável por isso (no pensamento e na açã), evidencia-se, entã, como afastada de sua trajetória. Há necessidade do equilíbrio entre todas as possibilidades da realidade. Não é possível que uma viva sem a outra.

Compreendendo a Célula inicial, binuclear, podemos compreender que não há hiato entre os seres humanos e a natureza, nem entre os seres humanos entre si. As classificações equivocadas, através dos tempos, não só constituíram alguns *mundos* humanos, mas perpetuaram esses mundos na medida em que construíram *necessidades* para manter essas interpretações numa perspectiva de dominação primária (pensemos nas muitas guerras de dominação e submissão que o ser humano tem provocado desde os tempos mais antigos e que, ainda hoje, continuam provocando!).

Descaminhos na constataçã do Criador

Quando perguntavam por um Criador para tudo o que foi encontrado, os seres humanos estruturavam seitas de acordo com o ambiente em que viviam. O aparecimento de religiões e deuses é uma conseqüência histórica desse processo, à medida que foram sendo estabelecidos princípios que passaram a dar sustentação aos modos de *ver* o entorno. **Na construção dos deuses, reconhecendo a possibilidade de um ser superior, a criatura os colocou como possibilidades externas e, conseqüentemente, distantes.** Os deuses passaram a ser louvados para que os seres humanos pudessem se reconhecer, também, como superiores. Nessa perspectiva, tendo determinado o mundo, os deuses (apesar de distantes) estabeleciam o movimento do mundo. A criatura, entã, colocava-se submissa aos deuses, unicamente por reconhecer sua incapacidade para repetir a criaçã que foi percebida como grandiosa e potente. Mas, ao mesmo tempo, ela percebia que, no nível do

mundo imediato, era a criatura que compreendia e que podia! Nessa possibilidade, ela se colocou, também, como superior às demais criaturas. Enquanto uns dominavam, outros desenvolviam uma atitude de submissão, colocando fora do vivido suas possibilidades de equilíbrio. Estava colocada, então, a relação dominador–dominado. O ser humano, como dominador, constatando sua capacidade de *criar*, pensou poder igualar-se ao Criador e desligou-se do Todo, não percebendo seus próprios limites. Aquele que se submetia ou ainda se submete – não conhecendo sua identidade, seu valor – colocou no Criador (externo) uma dupla responsabilidade: a de vigiar os atos do opressor, livrando a si mesmo do mal – nem que seja depois da morte!

Ao longo do tempo, alguns pensadores diversificaram as explicações sobre o mundo (e sobre a natureza) e o ser humano começou, então, a pensar num *criador* como algo interno. Naquele momento, teve início um período da adoração interna e o homem passou a pensar nele mesmo como esse superior. Se o processo era inconsciente em alguns, em outros era consciente, e novamente o ser humano se percebe como “superior”.

À medida que buscava internamente, e percebendo seus limites — incluindo aí a finitude, pois a criatura não vai viver eternamente —, o ser humano mudou a visão, constituindo um ponto intermediário. À dúvida *se Deus sou eu, ou se Ele é parte de mim*, teve início, então, o culto ao *espírito* do homem como uma possibilidade interna, que seria parte do ser humano, e que estaria em contato com Deus. Novamente ele foi levado ao equívoco, pois o espírito não é um elo entre a criatura e o Criador. O espírito não é como um sinal que transcende a criatura, como garantia de uma trajetória anterior, ou que sustente a permanência da criatura após a sua finitude. (Trataremos desse ponto, a seguir.)

Constatação do Criador

O único que permanece em qualquer direção é o Criador. O espírito da criatura é energia da célula que faz vibrar o conjunto molecular. **O espírito é a energia que faz com que o corpo esteja vivo.** Qualquer corpo que tenha vida é animado por essa energia. Assim é com os seres humanos, com os outros animais, com os vegetais. Qualquer corpo físico dura enquanto o espírito o anima. Assim, se o corpo tem um limite de duração, o espírito também não tem continuidade.

Já sabemos que toda apresentação, ou seja, o aparecimento da criatura no planeta, se dá no caminho de volta ao Princípio. Portanto, é no seu tempo de duração no planeta que a criatura deve construir o sentido do princípio e do fim. **O compromisso da criatura é descobrir, na essência do princípio, o significado do fim. E, para isso, a criatura deve procurar o Criador que fala diretamente à criatura e que Se mostra em toda criação.**

O Interno é o Todo do Criador na criatura ser humano, sendo a possibilidade de a criatura encontrar o Criador. O espírito, a energia que faz vibrar o corpo, não faz a ligação com o Criador. Simplesmente, como corpo

vivo, a criatura não atinge o Criador, que está adormecido para ela.² É necessário que a criatura *desperte para o Criador, despertando o Criador*, abrindo-se para o Interno, sincronizando com o Criador. Desse modo, a criatura passa a **cooperar** de modo **CONSCIENTE**, atuando em **sincronia para que o processo de mostraçãõ do Todo, iniciado com a célula uninuclear, permaneça.**

² O espírito só existe no movimento. Não existe um espírito que permanece após o término do prazo de validade.

Tomemos como exemplo um liquidificador (ou qualquer aparelho eletrodoméstico). Para que funcione é necessário que seja acionada uma tomada de energia. Ligado, o liquidificador funciona, é útil, cumpre sua função. Se pudéssemos falar do “espírito” do liquidificador, o que seria esse espírito? A energia elétrica que coloca o aparelho em movimento. Mas a energia elétrica não é exclusiva desse aparelho. A energia elétrica é “FONTE” para o funcionamento do aparelho e pode ser usada em um número infindável de aparelhos. Pode, inclusive, ser utilizada de muitos outros modos, considerando até outros aparelhos ou outras formas de utilização existentes ou que serão inventadas, criadas ou descobertas futuramente. Além da fonte de energia, que imprime movimento ao liquidificador, esse aparelho só tem sentido (o sentido do liquidificador é funcionar) porque “alguém” o projetou. Naquele aparelho subjaz uma inteligência que o concebeu. Essa inteligência do inventor não está presa no liquidificador. Tanto assim que aquele que inventou pode já ter atingido seu prazo de validade* ou pode estar em seu laboratório aprimorando sua invenção ou trabalhando na criação de outros aparelhos com outras finalidades. O que faz funcionar o liquidificador é a “inteligência” da combinação de suas partes, ou componentes, associada à energia que o movimenta. Essa energia não sendo exclusiva do aparelho, é levada a ele para que a “inteligência” se mostre.

É óbvio que não podemos nos comparar a um liquidificador! Mas o que vale em nós é o Criador que habita todos os seres e que continuará criando continuamente. Diferentemente do ser humano (que usa sua inteligência e lança mão da energia para fazer funcionar a máquina), o Criador é, a um só tempo, *inteligência e energia*.

Não temos como finalidade triturar alimentos ou misturar ingredientes de uma vitamina. Também não estamos no planeta apenas para observar o que vai à nossa volta! Nosso sentido é usar a inteligência para compreender o entorno e compreender a nós mesmos, construindo conhecimento e tudo o que dele deriva, incluindo a arte, a filosofia, a tecnologia, a ciência, e tudo o mais. O que precisamos encontrar é o sentido de nossa existência nesse planeta para, então, articular nossa finalidade e missão.

* O liquidificador foi inventado pelo americano Herbert Johnson, em 1916.
(in <http://www.guiadoscuriosos.com.br/index.asp>)